

EVANDO NASCIMENTO: “VEGETALIZAR O COSMOS, EIS A MAIS BELA TAREFA QUE CONSIGO IMAGINAR” ENTREVISTA EM TORNO DE *O PENSAMENTO VEGETAL*: A LITERATURA E AS PLANTAS

EVANDO NASCIMENTOⁱ

<https://orcid.org/0009-0007-8708-1753>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

MARISA FLÓRIDO CESARⁱⁱ (ENTREVISTADORA)

<https://orcid.org/0000-0001-9915-1041>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

WALLYSSON FRANCIS SOARESⁱⁱⁱ (ENTREVISTADOR)

<https://orcid.org/0000-0001-8490-7088>

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil



Imagem 1: Evando Nascimento Camacã
A dupla folha, 2018, grafite sobre papel, 30 x 41 cm

1. Como e quando você despertou ao “apelo” ou “chamado vegetal” para responder nos dez ensaios reunidos em seu livro seminal, O pensamento Vegetal: a literatura e as plantas, publicado em 2021 pela Civilização Brasileira? Conte-nos um pouco sobre seu processo.

Creio que o fato de ter nascido numa região de exuberante Mata Atlântica, nos anos de 1960, na região do cacau, sul da Bahia, me propiciou uma sensibilidade maior para o mundo vegetal. Mas eu não tinha muita consciência disso quando jovem. Por outro lado, a indagação sobre o que é ou não *humano* me veio por volta de dezesseis anos, ao ler o poema de Carlos Drummond de Andrade “Especulações em torno da palavra homem”, que começa indagando “Mas que coisa é homem,/que há sob o nome:/uma geografia?” e termina com outra pergunta: “Mas existe o homem?”. Mais tarde, os questionamentos em torno do humano pela filosofia de Nietzsche, o primeiro pensador que me interessou de fato, com a noção de *Übermensch*, traduzível hoje como o Além-do-humano ou o Mais-que-humano, me levou a pôr em questão nosso conceito antropocêntrico de humanidade. Alguns dos autores que li em minha formação tinham uma sensibilidade para outros modos de vida não humanas: as fábulas dos irmãos Grimm, a ficção de Clarice Lispector, de Guimarães Rosa, de Jorge Luis Borges e de Franz Kafka, entre outros autores. Entre 1999 e 2000, materializei isso num ensaio que punha em diálogo pensadores franceses e a ficção de Clarice em torno da relação humano/animal. Continuei refletindo sobre o tema, que resultou no livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (ed. Civilização brasileira, 2012). Ali, a questão animal era fundamental, mas já havia duas seções voltadas para a questão vegetal. Me prometi aprofundar as pesquisas em torno do universo clorofílico, mas só fui realmente dar início entre 2015 e 2017. A partir daí, li autores contemporâneos que abordam a questão de forma especial: filósofos e botânicos como Stefano Mancuso, Fleur Daugey, Anthony Trewavas, Michael Marder, Emanuele Coccia, entre muitos outros. Toda uma bibliografia que ainda não tinha sido publicada no Brasil e que agora tem uma pequena parte traduzida. Também recorri a elementos do pensamento de Jacques Derrida e de Gilles Deleuze, que fazem parte de meu percurso, tais como *disseminação* e *rizoma*. Mas nada teria acontecido sem a sensibilidade pessoal, biográfica, que a literatura ajudou a aflorar de vez. Li muito para refinar os conceitos e leituras literárias, mas, tampouco sem as visitas sistemáticas ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, creio que não escreveria o mesmo livro. E as primeiras idas ao J.B. nesse período de pesquisas aconteceram na companhia do filósofo Roberto Machado, que

morava no Horto e conhecia muito aquele espaço, embora teoricamente a questão vegetal não lhe interessasse. As artes visuais deram igualmente uma grande contribuição, sobretudo com esse grande *artista* (muito antes que o termo existisse) Franz Krajcberg. Mais recentemente, conheci as propostas de indígenas, como Jaider Esbell, Denilson Baniwa e Celia Tupinambá. Em 2017, assisti no Grand Palais, em Paris, a uma exposição intitulada *Jardins*, que revirou minha cabeça: comprei o catálogo e mergulhei nos textos e nas belíssimas imagens. Era primavera e as livrarias de Paris expunham com destaque inúmeros livros sobre botânica nas ciências, nas artes e na literatura. Me lembro inclusive de um belíssimo volume sobre nosso paisagista Roberto Burle Marx. Outra exposição intitulada *Nous les Arbres*, na Fondation Cartier, de que participaram Luiz Zerbini e alguns indígenas brasileiros, foi também marcante. Não a vi pessoalmente, mas adquiri o catálogo. Houve muitos fatores decisivos que levaram à escrita de *O pensamento vegetal*, mas creio que esses foram os mais importantes.

2. Na hierarquia dos vivos e não vivos, as plantas foram historicamente marginalizadas por certa tradição ocidental, humanista e positivista, tal como você debate em seu livro. Nele, há, portanto, uma crítica ao antropocentrismo e ao excepcionalismo do “homem” como único vivo dotado de pensamento, linguagem e mundo. Você introduz sua reflexão sobre a inteligência e a sensibilidade das plantas, interrogando: “Se as plantas pensam, o que e como pensam?” Questões que se estendem à linguagem: “se as plantas se comunicam, como o fazem?” Interrogações que implicam não só uma reformulação nas formas de produção de sentido, mas, sobretudo, uma reconceitualização das categorias modernas (ocidentais) de pensamento, ciência e linguagem. Pensar “com”, escrever “com”, aprender “com”, viver “com” — a preposição de relação “com” é “disseminada” e “dispersa” (termos com que você nomeia o “impulso vegetal”) ao longo dos ensaios. O que e como germina nessa teia de relações? Como ela se constitui?

É impossível responder de maneira sintética, pois tudo isso é desenvolvido ao longo de análises detidas em cada capítulo. Posso apenas afirmar que as plantas têm uma linguagem não verbal própria, bem como uma sensibilidade e inteligência idem. Elas se comunicam entre si, reagem a perigos e buscam as melhores fontes de água e nutrientes através das raízes. As formas de adaptação não são mecânicas como se imagina, mas implicam decisões que podem ou não trazer a sobrevivência dos indivíduos e das espécies. Numa floresta, nenhuma planta está isolada, mas interagindo entre si e com espécies não vegetais: algumas vezes em conflito, outras em regime de colaboração, e também de forma neutra. Por exemplo, há as epífitas, plantas menos robustas que usam

árvores para subir e alcançar a luz solar, sem lhes fazer mal algum. Mas há as parasitas, que sugam a seiva de outras plantas e podem até matá-las, como é o caso da “figueira estranguladora” (*Ficus macrophylla*), uma espécie imigrante da Ásia, hoje muito comum no Rio de Janeiro. Ela é personagem de um conto meu, ironicamente intitulado “A doçura das plantas” e publicado na coletânea *A desordem das inscrições: contracantos* (ed. 7Letras, 2019). Há diversos procedimentos bioquímicos que possibilitam a troca de informações entre os vegetais e as espécies vizinhas. Tais estratégias vitais têm sido estudadas por botânicos, como Stefano Mancuso, Anthony Trewavas e Francis Hallé, entre muitos outros. A *teia da vida* é mais colaborativa do que competitiva. Há muito equívoco nas leituras que se fazem da chamada teoria da evolução, que eu renomearia como *teoria das mutações ou das transformações biológicas*. Não sou botânico, mas gosto de pensar *com* eles: sem dúvida, essa preposição é a chave de toda *comunicação*.

3. Você cita na página 20, como em outras ocasiões, o verso de João Cabral de Melo Neto: “Viver/ é ir entre o que vive”. Mas também o reelabora ao acrescentar que “é ir entre o que vive e, também, entre o que aparentemente não vive”, ou seja, em “um entrelaçamento fundamental entre as formas orgânicas e inorgânicas de existência”. O que implica, por um lado, o questionamento das oposições entre organismo e ambiente, natureza e cultura, mundo animado e mundo inerte, e, por outro, uma profunda reconceituação do que seja “vida”. Poderia desdobrar essa reflexão?

Desde logo é preciso ver que as plantas produzem o orgânico, ou seja, o tecido vegetal com que nos alimentamos, a partir do inorgânico, através do processo da fotossíntese. A vida depende da não vida para sobreviver. Além disso, nós humanos ingerimos água, tomamos sol, respiramos oxigênio — nada disso é de ordem orgânica, mas são elementos indispensáveis para nossa existência. Utilizamos minerais, como o ferro e o cobre, com os quais forjamos ferramentas úteis à nossa sobrevivência. Agora mesmo há uma corrida em busca de *terras raras*: um grupo de dezessete elementos químicos encontrados na natureza, geralmente misturados a outros minérios e de difícil extração. Trata-se de minerais muito úteis para emprego nos sistemas tecnológicos e digitais de ponta.

Não existe vida que não se apoie, de algum modo, sobre a não vida. Mesmo os organismos que morreram, ficando aparentemente inertes, são aproveitados por outras formas de vida, como bactérias, fungos, vermes ou predadores carniceiros. A morte faz parte do ciclo da vida, não é algo externo, vindo do nada, mas resultante de um processo vital. Morte e vida estão entrelaçadas, e por esse motivo Jacques Derrida forjou o neologismo *la vie la mort*, *a vida a morte*, sem vírgula nem conjunção entre os termos. Morre-se para que outras

formas de vida continuem além de nós. Enquanto a vida durar sobre a Terra, a morte não será jamais um fim absoluto, mas a etapa de ciclos contínuos. Em diálogos com minha querida amiga Ana Chiara, professora de literatura da UERJ aposentada, gosto de usar a expressão *a ávida vida*. Ela aparece em meu livro experimental, o *retrato desnatural*. É isso: a vida é muito ávida, e todos os viventes, sem exceção, servem a seus propósitos. Chamem essa *avidez* de *morte*, se quiserem... Mas também podem chamar de *impulso vital*. São duas forças suplementares, como Freud bem intuiu quando fomentou a existência da *pulsão de morte*, para mim, a descoberta mais importante da psicanálise, junto com a noção de *inconsciente*.

4. Ao longo dos ensaios, você dialoga com as ciências biológicas, a filosofia ocidental, a literatura e as artes. Mas vê justamente na literatura a floresta onde o pensamento e a sensibilidade vegetal germinaram e floresceram, mesmo quando os demais saberes os desqualificavam ao longo dos séculos. Pode nos falar um pouco sobre as afinidades entre a literatura e as plantas, como proposto, sobretudo, no ensaio “Por outro humanismo: poéticas vegetais”?

Faz alguns séculos que a literatura impressa e as plantas têm uma relação, digamos, *genética*: desde o início da chamada Modernidade, o suporte material dos livros tem sido o papel confeccionado com celulose. Os volumes livrescos nascem das árvores: tal é o tema do belíssimo poema “Liber”, de Ana Martins Marques. Além disso, por ser imaginativa, a literatura oral ou escrita sempre pôde abordar com liberdade e generosidade universos não humanos. As fábulas, os mitos e as lendas rurais ou amazônicas estão cheios de histórias com animais ou plantas que mimetizam os humanos e vice-versa. Para muitas culturas indígenas, como a yanomami, a relação entre bichos, plantas e humanos é intrínseca — tema fundamental de *A queda do céu*, de Davi Kopenawa (ed. Companhia das Letras, 2015). É claro que, ao longo da tradição literária, foi muito mais comum dar protagonismo aos animais do que aos vegetais. A razão é o *zoocentrismo*, associado ao *antropocentrismo*, de que falo em alguns momentos: nós nos reconhecemos nos bichos, mas não nas plantas, porque elas não são dotadas de órgãos e membros como boca, pernas, olhos, cérebro etc. O que pouca gente lembra é que nas fábulas de Esopo há muitos vegetais com papéis ativos, semelhantes aos dos animais. Porém a tendência mais comum na tradição literária foi tratar as plantas de dois modos: ou como objeto decorativo, tais como as paisagens no cenário ou os vasos de flores nas casas, nos jardins etc. Ou como símbolo de algo humano: a rosa como símbolo do feminino, o lírio, da pureza, o cravo, do masculino, a maçã, do pecado original, o abacaxi,

das tarefas difíceis ou impossíveis etc. No século XIX e no século XX, as plantas começam a se tornar protagonistas em Charles Baudelaire e Walt Whitman, por exemplo, mas sobretudo em Jorge Amado, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Jean Giono, bem como em outros e outras. A poesia sempre foi muito acolhedora em relação ao universo botânico, e temos atualmente poetas como, entre outros, Leonardo Fróes, Ana Estarégui, Sérgio Medeiros, Adriana Lisboa, Julia Hansen, Edimilson de Almeida Pereira, e a citada Ana Martins Marques, que tem um lindíssimo livro intitulado *Jardins*. No exterior, como ficcionistas, há Djaimila Pereira de Almeida, as vencedoras do Nobel em anos diferentes Han Kang e Louise Glück. São autoras e autores vegetais, mas sobretudo mulheres! E gosto muito de planta em português e noutras línguas neolatinas ser feminino. Acabou de ser traduzido no Brasil um romance fundamental: *A trama das árvores*, de Richard Powers (ed. Todavia). Na Colômbia, há o romance extraordinário *La vorágine* (A voragem), de José Eustaquio Rivera (ed. CFE): a história se passa no coração da floresta amazônica, e o livro no ano passado completou cem anos de publicação, sendo homenageado na Feira do Livro de Bogotá (a Filbo). O tema dessa que é uma das maiores Feiras de livro do mundo, mais extensa do que costumam ser as brasileiras, foi *Leer la naturaleza*. O Brasil foi o país homenageado, e o presidente Lula esteve na abertura do evento. Participei de uma mesa com temática vegetal, juntamente com o ficcionista Bernardo Carvalho. Foi muito alentador, por causa da receptividade do público.

A tendência é essas *estranhas* formas literárias de natureza vegetal se disseminarem cada vez mais... A partir das reflexões em torno do *pensamento vegetal*, é o próprio *conceito de literatura e de escrita em geral* que se vê redimensionado.

5. *A compreensão das plantas como inteligentes e sencientes vai ao encontro de saberes milenares de povos indígenas e africanos, que você traz nas vozes de Ailton Krenak, David Kopenawa e João Paulo Barreto Tukano, entre outros. Saberes também historicamente desqualificados e desprezados pelo Ocidente. Você percebe que eles nos “propõem um pensamento verdadeiramente inovador, relacionado, com efeito, às alteridades humanas, animais, vegetais e minerais” (p. 269). No que pesem abissais diferenças epistemológicas, você diria que há hoje uma curiosa convergência das recentes pesquisas das “ciências nômades”, abordadas no livro, com esses saberes cosmológicos?*

Sim, com certeza. Eu tinha essa hipótese que lanço no começo do livro, mas sem ter a exata dimensão do que estava cogitando desde as primeiras pesquisas. Intuí que as respostas que buscava, com um repertório fundamentalmente ocidental de ciências,

filosofia, artes, crítica literária e ficção ou poesia, estariam em algumas culturas indígenas, mas também nas culturas de matriz africana. Infelizmente, não houve tempo para explorar as referências afro-brasileiras no que diz respeito aos vegetais, em particular às plantas no candomblé. Prometo fazer isso em algum momento. Um dos capítulos de que mais gosto é justamente o nono, aquele em que ponho alguns pensadores indígenas, citados por você, para *desconstruir* ou *disseminar* (termo que hoje prefiro) o racionalismo etnocêntrico de Hegel. Vibrei muito ao escrever esse capítulo, que lê minuciosamente a contrapelo partes da *Introdução à história da filosofia* e da *Filosofia da história* do filósofo idealista alemão.

6. “*Somos mesmo uma humanidade?*” a pergunta de Ailton Krenak (em *Ideias para adiar o fim do mundo*, ed. Companhia das Letras, 2019, p. 8) parece ramificar-se em suas reflexões. Seu livro põe em causa “os conceitos tradicionais de humanismo, de humanidade e de Homem” (p. 16), desvelando que a pulsão colonizadora está associada ao humanismo e sua ficção de universalidade, a qual produziu um duplo processo “de desumanização dos humanos e o do assujeitamento e aniquilação dos não humanos pelos mesmos humanos” (p. 21). “Solidariedade”, “cooperação”, “colaboração”, “supervivência” são suas convocações a aprendermos outras formas de comunalidade relacional, em sua radical acolhida às alteridades humanas e não humanas. O que vegetais, outras cosmologias existenciais, em suma, outros viventes nos ensinam?

Hoje tendo a falar de modo geral no (não) humano, a fim de englobar tudo o que há ou existe: humanos, vegetais, animais, coisas, minérios, astros, mortos etc. Guimarães Rosa tem um lindo termo no *Grande sertão: veredas* — “havente”. Ele usa como adjetivo no sentido de *existente*, na seguinte passagem: “[...] o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos” (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, 2006, p. 26). Me aproveito desse neologismo, transformando-o em substantivo: os “haventes” ou os “existentes”, ou seja, tudo o que há: bicho, homem, pedra, menino, mulher, planta, sol, mortos, vivos etc. Com isso, elimino a oposição entre viventes e não viventes, o que tem a ver com uma de minhas respostas anteriores. Esse é um dos temas fundamentais de um livro atualmente no prelo, a ser publicado em novembro pela editora da PUC de Valparaíso, Chile: *El porvenir de los (no) humanos*. Não há previsão de lançamento no Brasil, e só uma parte dos ensaios foi publicada aqui, de forma avulsa. Minhas ideias têm germinado bem em terras chilenas e noutros países latino-americanos. Isso ocorreu desde que *Derrida e a Literatura* foi

brilantemente traduzido pelo colega chileno Raúl Rodríguez Freire, para a editora argentina La Cebra.

As plantas são os viventes, “haventes” ou existentes que nós amamos desprezar. É o que se chama de cegueira vegetal ou, mais corretamente, *invisibilidad vegetal*. Como nosso narcisismo crônico não consegue reconhecê-las em sua plena dignidade, podemos abatê-las com mais facilidade do que quando matamos animais. Todo tipo de *sacrificio* dever ser posto em questão, mas o fato é que nossa humanidade tem sido mais cruel na devastação florestal. Agora mesmo, o Congresso aprovou uma lei que libera agricultores e empresários para atuarem contra os biomas em total liberdade... O humanismo tradicional sempre se preocupou mais com a dignidade humana, ignorando que, para sobrevivermos, dependemos de todos os outros viventes, “haventes” ou existentes. Proponho, no início do livro, um *humanismo do outro ou da outra*, recorrendo às plantas como existentes fundamentais para esse redimensionamento da tradição humanista. Mas, já no finalzinho do último capítulo, digo que, se esse pensamento das alteridades de fato florescer e frutificar, talvez o termo humanismo não sirva mais. Alguém qualificou essa atitude de pessimista. Não creio. Acho que sou bem realista, e no fundo todo o livro é uma aposta no porvir venturoso da vida (e da não vida) como um todo, e não apenas das vidas humanas. É isso que sublinha Raúl Rodríguez, na nota introdutória à sua excelente tradução *El pensamiento vegetal* (ed. Mimesis). Em suma: só uma transvaloração dos valores humanistas tradicionais, abrindo perspectivas acolhedoras para as diversas alteridades, pode alterar o processo geral de desumanização e devastação em curso. Desumanização do humano e do não humano: do (não) humano que logo somos.

Gostaria de mencionar aqui os nomes de *hermanos* e *hermanas* com quem tenho dialogado em torno da questão vegetal e temas afins: além do mencionado Raúl Rodríguez Freire, Mary Luz Estupiñán Serrano, que formou um grupo de estudos vegetais com Marcela Rivera Hutinel e Natalia López, na UMCE de Santiago. Hugo Herrera Pardo, atual coordenador do Doutorado em Literatura da PUC de Valparaíso. Efrén Giraldo, escritor e professor na Universidad EAFIT, e Juliana Congote, coordenadora do Doutorado em Artes da Facultad de Artes de la Universidad de Antioquia, Medellín. Brenda Ríos da Universidad Nacional Autónoma de México. Regina Dalcastagnè e Pedro Mandagará, que coordenam o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, na UnB.

7. Você nomeia como “fitografia, fitoliteratura e fitoescrita”, uma escrita vegetal “que se aproveita do rastro que as plantas deixam na terra, na água e no ar, para

poder haurir a energia que nos permite sobreviver, e, no limite da arte, sobreviver” (p. 83). Como então percebe em seu processo de produção literária e artística essa escuta e leitura clorofílica, essa “grafia” aprendida com as plantas, suas companheiras vicinais?

Essa pergunta (e sua possível resposta) engloba tudo o que disse anteriormente. É muito difícil sintetizar, mas vou tentar. Meu projeto mais recente se chama *Arquigrafias: ancestralidades do porvir* (ed. Galileu). É um pequeno catálogo de minha produção visual, com dois textos meus, e mais três textos de críticos de minha máxima admiração: o citado Raúl Rodríguez Freire, Marisa Flório e o artista visual Amador Perez (para mim, o maior desenhista brasileiro vivo). É a primeira vez que coloco o nome Camacã ao lado de Nascimento numa publicação impressa. Até então só o fiz nas redes ditas sociais. Essa decisão não foi nada simples, por *n* motivos que só vou aludir em parte. É, antes de tudo, uma singela homenagem aos indígenas que foram assassinados entre o final do século XIX e o início do século XX, dando lugar à monocultura do cacau, na região onde nasci, no sul da Bahia. Como tantas vezes aconteceu na história das Américas, a tribo exterminada deu nome à cidade que surgiu no local e que, como município emancipado, é três anos mais jovem do que eu. Não sou indígena, mas meu avô materno era “índio pego no laço”, como se diz em linguagem brutalmente colonialista. Deram-lhe o nome cristão de João Clímaco Sena, e acabou assassinado jovem por razões políticas, motivo pelo qual não o conheci.

E o que isso tem a ver com as *grafias* ou, segundo o neologismo que inventei, com as *arquigrafias*? Tudo. Desde que voltei a desenhar em 2015, hábito que abandonei completamente quando entrei para o curso de Letras, criei a obsessão de juntar escrita, em princípio verbal, com artes visuais. Em meu site, há uma seção intitulada “Artes Escritas/Artes Visuais”. Daí surgiram os *desenhos-escritos*, designação expropriada de Antonin Artaud, mas com inúmeras outras referências: León Ferrari, Hélio Oiticica, Cy Twombly, Jean-Michel Basquiat, Mira Schendel, Rubem Valentim e muitos outros, mas também hieróglifos, ideogramas chineses, inscrições rupestres e parietais etc. com (um destaque todo especial para os grafismos indígenas panamericanos e de matriz africana). Estou convencido de que o simples ato de *haver* ou *existir* constitui uma forma de escrita. Seria o que Derrida chama de rastro (*trace*), *différance*, escrita ou escritura (*écriture*), e eu chamo simplesmente de *inscrições*. *A desordem das inscrições: contracantos* (ed. 7Letras, 2019) é o título de meu terceiro livro de contos. Tudo para mim é inscrição, traço, rastro, diferença, marca, sinal... *O que há* existe como traço ou sistema de traços na superfície do mundo. O planeta Terra e o cosmos são para mim uma grande *superfície de*

inscrição, um *suporte de escrita* ou o que Artaud chamou de *subjéttil*, termo técnico do vocabulário da pintura. Minhas (*arqui*)*grafias* se articulam nessa vasta rede de inscrições chamada mundo ou cosmos, universo. Quando digo *superfície*, estou supondo nietzscheanamente que a profundidade é outra forma de superfície. Tudo se dá em superfície ou em camadas de superfícies que formam profundidades. Até onde sei, as cosmogonias indígenas e de origem africana têm a ver com isso: tudo se comunica, formando uma vasta rede ou teia de inscrições e sinais. De modo que, quando escrevo, desenho, pinto, falo, performo, fabrico objetos ou instalações, estou inscrevendo signos, sinais, traços, rastros na superfície do mundo, do cosmos, *ao infinito*: amo que a imagem final do *Grande Sertão: veredas*, desenhada por Poty a pedido do autor, seja o *símbolo do infinito*, que é um oito deitado. Nasci em 8 do 8 de 1960 (ano cujos algarismos somados dão 16, um múltiplo de oito). O oito deitado é uma de minhas rubricas nos desenhos — espichei uma forma do E maiúsculo até virar um oito...

Arquigrafar é um modo de me conectar com todas as inscrições terrestres e cósmicas subjacentes. Isso nada tem de sobrenatural ou místico: é naturalíssimo e físico, sem ser positivista. É visual, tátil, olfativo, gustativo, auditivo, conceitual, multissensorial. Assumir o sobrenome Camacã de ancestrais indígenas (embora sem conhecer a etnia de meu avô — minha mãe nunca disse e talvez não soubesse) teve o valor simbólico de *facilitar* (no sentido freudiano da *Bahnung*) essa comunicação escritural. Veja que misturei Freud (a despeito das muitas críticas que faço à psicanálise) com pensamento indígena: tudo o que me interessa *se conecta* de um modo ou de outro. É uma *rede ou teia da (não) vida* que nada tem de coercitivo: antes, é libertadora. Pensar com *a vida a morte* me liberta do medo de morrer. Porque, mesmo morto, continuarei grafando ou arquigrafando. Meus escritos existenciais continuarão noutros corpos até se disseminarem de vez. O processo gráfico ou arquigráfico não acaba nunca. A não ser que o cosmos tenha algum *fim final*, coisa de que duvido. Isso é o que chamo de *pensamento gráfico* num dos textos das *Arquigrafias*. Um *pensamento arquigráfico*, que subintitulo como *Ancestralidades do porvir*. Dialogando com Ailton Krenak, desloco o conceito de *futuro* (que tem algo de previsível) pelo de *porvir* (que é mais aberto, imprevisível). Nessa perspectiva, um quadro nunca é apenas uma pintura, um desenho nunca é apenas um conjunto fechado de riscos e rabiscos etc. Tudo se inscreve num processo geral e muitas vezes caótico (a *desordem* do título do livro de contos) de traços, rastros, marcas, indícios, riscos, sinais, signos próprios à existência real ou virtual. Nisso, o empírico e o transcendental não mais se opõem, mas se suplementam, fecundando-se mutuamente.

Com a noção-valor de *arquigrafias* quis englobar e, ao mesmo tempo, expandir os conceitos em torno dessa “estranha instituição chamada literatura” (Derrida).



Imagem 2: Evando Nascimento Camacã
Escrita vegetal V, 2023, caneta sobre papel, 70 x 100 cm

8. De que forma o resgate de sua ancestralidade com as heranças indígenas e também africanas tem se cruzado com o “chamado vegetal”?

Ter realizado uma palestra neste ano no Museu do Jardim Botânico foi um sonho acalentado nos últimos anos — um dia veio o convite inusitado como *o apelo ou o chamado das plantas*. Elas é que usaram uma humana, Claudia Lopes, funcionária do Jardim Botânico, para me convidar... Isso teve plena conexão com minhas ancestralidades, como acabei de referir. Falarei agora um pouco das *respostas* que pude dar a esse *chamado vegetal*.

Quando acordo de manhã, depois de tomar o café, fico muitas vezes em dúvida se vou escrever, pintar, desenhar ou caminhar e fazer exercícios. Ou então comprar comida para minha subsistência, entre outras tarefas da vida prática. Agora mesmo gostaria de estar pintando, mas já passei muitas horas de um final de semana ensolarado respondendo a

essas densas perguntas, com muito prazer. Minha alegria vem de saber que tudo é *escrito*. Quando viajo, nunca desenho com lápis ou caneta, nem uso o laptop ou bloco de anotações. Não navego na internet nem entro nas redes sociais. É meu corpo que, deslocando-se e encontrando pessoas, indo a lugares e fotografando, desenha, pinta, escreve, em suma, se comunica.

Pratico com muita consciência uma escrita vital, animal, vegetal, coisal. Proliferante. As plantas, a depender da espécie e dos indivíduos em determinados ambientes, podem assumir formas as mais surpreendentes. Elas ascendem em direção aos céus, mas podem se dobrar, se inclinando para os lados e depois subir novamente. Chamamos de “árvores” formações as mais distintas, como o salgueiro, a jaqueira, o pau-brasil, o pé de eucalipto, a macieira, o pinheiro, o carvalho... Os arbustos, os vegetais sem tronco, os matinhos, as ervas ditas daninhas, o capim, a grama, tudo isso tem sua lógica vital própria, sua geometria e seu volume. Sua densidade. Todas essas formas orgânicas me inspiram, pois são esculturas vivas que não canso de admirar — do mesmo modo que admiro obras de arte em museus ou galerias. O universo vegetal é dotado de enorme plasticidade, capaz de assumir formas que mal conseguimos conceber. Amo a frase da narradora de *Água viva*, de Clarice: “Adoro orquídeas. Já nascem artificiais, já nascem arte”. Mas isso vale para todas as plantas — elas são verdadeiros artífices. Numa simples folha, há mais artifício do que normalmente percebemos, tudo para funcionar a contento em determinado ambiente e ainda produzir beleza. É o que qualifico como *desnatural*: a natureza artificiosa, também produzida e reproduzida pelos humanos. A vegetação é uma galeria a céu aberto. Um Museu Vivo. Pena que as pessoas, em suas fainas cotidianas, nem sempre percebam isso. É preciso ter grande abertura intelectual e sensível para as alteridades vegetais, tanto quanto para as demais existentes.

Adoro fotografar plantas, de todo tipo. Não como um cientista catalogador, mas como fotógrafo amador, que busca flagrar a miríade de formatos vegetais. Cheguei a fazer um curso de desenho botânico durante um mês na Escola de Botânica Tropical, num prédio histórico lindo no alto do Horto Florestal, o Solar da Rainha. Aprendi muito, mas não quis continuar com aquela visada científica, que é muitíssimo importante, mas tem propósitos diferentes dos meus. Moro atualmente num bairro muito arborizado, o Flamengo, onde os prédios cultivam lindos jardins — alguns na calçada pública, outros atrás das grades, porém visíveis para os passantes. Tenho o lindíssimo Parque do Flamengo como um quintal ou jardim pessoal. Um verdadeiro éden. Embora seja público, é menos visitado por turistas e residentes no Rio do que merecia. É nosso Central Park, maravilhosamente povoado com a vegetação escolhida pelo genial Burle Marx. A capital fluminense está

situada em meio à Floresta da Tijuca, que foi replantada no século XIX por causa da alteração climática provocada pela devastação. Deve ter sido um dos primeiros casos no mundo de reabilitação ambiental, muito antes dos ativismos ecológicos — e somente aconteceu por causa do estágio catastrófico a que se chegou. Vou também muito ao Jardim Botânico, como já declarei várias vezes, conversar com “minhas irmãs as plantas” (Alberto Caeiro/Fernando Pessoa) e fotografá-las. Tenho centenas de fotografias vegetais no HD externo. Muitas delas uso para desenhar e pintar. Não são simples representações, mas composições gráficas, arquigráficas, vitais. Minha escrita vegetal pode ser figurativa ou em rizomáticos grafismos, que desbordam o papel ou a tela onde se inscrevem. Uma escrita rizomática e arborescente, pois, como digo em algum momento do livro, não há oposição entre raiz e rizoma: tudo se ramifica, se expande, ampliando nossas visões do mundo, nossas *mundivisões*, como escrevi no *retrato desnatural*. Crio híbridos com formas humanas, vegetais, animais e coisas: *humananimalfloral* ou *humanocoisal*. Me interessa mais o *devenir* das plantas, dos humanos e dos bichos do que as espécies em si. As trocas e metamorfoses mútuas me fascinam. *As metamorfoses* de Ovídio é um livro de cabeça, tenho um conto em *A desordem das inscrições* com esse título.

Quero que minhas escritas lítero-visuais sejam percebidas pelo que são: jardins, matas, bosques e florestas. Ou vasos de plantas, como os *caqueiros* com os quais minha mãe enfeitava nossa casa. Tudo muito bem *cultivado*, sem oposição entre cultura e natureza. Tudo é cultivo, fitocultura, floricultura. Agora mesmo estou me dedicando a estudar os jardins, suas origens no mundo antigo e na modernidade europeia: para que servem, como embelezamento ou como fontes de alimentos, no caso das hortas, dos pomares, dos quintais, como laboratório científico, tais como os jardins de aclimação e os jardins botânicos em geral. É fascinante que Burle Marx tenha descoberto a beleza da flora brasileira numa estufa quando estagiava em Berlim. Voltou para o Brasil com a cabeça virada e passou a valorizar nossas espécies. Descobriu inúmeras desconhecidas que receberam seu nome. Eis a lição do paisagista e do jardineiro: descobrir e cultivar espécies *estranhas*, ainda não catalogadas, para preservá-las e fazê-las proliferarem. Quero ser cada vez mais o escritor-pintor-paisagista-jardineiro que cultiva espécies *esquisitas* (*unheimlich*), inventando novas formas de vivificar o Mundo. Vegetalizar o cosmos, eis a mais bela tarefa que consigo imaginar. E isso faz parte da história humana: criamos muitas espécies novas a partir das hibridizações e dos enxertos. Espécies que imaginamos terem brotado na natureza são frutos da inventividade humana desde milênios!

Meu novo apartamento é uma *casateliê* cheia de trabalhos de todo tipo. Já criticaram minha dispersão, mas acho que tudo tem uma marca pessoal, singular, embora heteróclita.

Uma assinatura mutante. No ano passado, fiz uma série chamada de *Pinturas Horizontais & Obliquas*: são telas grandes, pintadas com diversas cores, linhas e faixas horizontais ou oblíquas. Dez no total. Foram meu modo de quebrar a verticalidade idealizada do masculino. Desconstruo esse dogma metafísico no capítulo sete, “Derrida e as plantas”, quando me refiro “ao Homem, este ‘ser de pé’, ereto”. As plantas são ao mesmo tempo verticais, horizontais & oblíquas. Masculinas, femininas, neutras e mais além dos gêneros. O processo de expansão e ramificação é vertiginoso, vai para todos os lados! *La vorágine*, como bem diz o título do romance colombiano: a voragem. As incríveis vitórias-régias da Amazônia, que também se encontram no Jardim Botânico do Rio, têm uma tapeçaria rizomática altamente imaginativa em sua parte inferior, invisível à primeira vista: uma bela metáfora para o que pratico como escrita. Uma tapeçaria subjacente. Tenho inúmeros textos inéditos, salvos no HD externo ou *on-line*. Publico bem menos do que escrevo, foi sempre assim. Me entrego ao prazer e ao gozo das inscrições sem freios, por puro tesão vital. Depois, com o tempo, releio, podo, desenvolvo, formato, divulgo. E assim vou compondo minhas escrituras florestais e jardineiras, onde bichos *estranhos* se abrigam. Verdadeiras quimeras. Gosto de publicar algumas coisas nas redes ditas sociais, porque ali as respostas são imediatas, algumas muito surpreendentes. É pena que o viés mercadológico tenha se imposto no universo digital, que, na virada do século, tinha se mostrado tão promissor... Hoje o globo está dominado pelas Big Techs, as empresas de alta tecnologia, no processo avançado do capitalismo tardio.

Na Flip de 2021, saiu um livro coletivo sobre a temática da literatura e das plantas. Nele, consta meu artigo “Floresta é o mundo”, em que sintetizo e amplio algumas das questões políticas de *O pensamento vegetal*, que acabara de publicar. Coloquei esse texto em meu site, porque acho uma boa introdução ao assunto. Um modo resumido de penetrar na mata literária.

Todos os meus livros são rizomáticos e arborescentes, desde o primeiro, *Derrida e a literatura*, originalmente uma tese de doutorado elaborada em torno da metáfora das *notas*: pequenas sementes textuais, espalhadas ao longo do volume livresco. Escrevo por fragmentos, ou melhor, por pedaços, que depois vou juntando e enxertando uns nos outros. São todos ensaísticos, mesmo os de ficção: são experimentos vitais. Nunca consegui fazer uma monografia rigidamente acadêmica. No entanto, não há nenhum livro que tenha escrito sem muita pesquisa. Quando estou envolvido num trabalho, a mesa fica repleta de volumes, alguns somente para consulta, outros para leitura integral. Quando concluí *O pensamento vegetal*, o pequeno apartamento onde morava tinha livros pelo chão, sobre o sofá, na mesa de cabeceira...

Em mais de um momento, pensei em colocar o subtítulo “A literatura, a filosofia, as artes e as plantas”, mas aí me lembrei das ciências e dos saberes ancestrais. Seria inviável colocar todos esses termos na capa, embora todas essas áreas tenham dado sua contribuição, em particular a filosofia. Acabei optando apenas por “literatura”, que realmente predomina, mas foi injusto com as demais.

9. As plantas e os bichos sempre compareceram em seus textos ficcionais, falando através de sua escrita. Contudo, é perceptível que a vida vegetal começou a protagonizar mais os seus textos e pensamentos no mesmo momento em que sua escrita passou a transbordar para os desenhos, criando os híbridos desenhos-escritos. Você vê uma relação direta entre as (re)invenções formais e o diálogo com as plantas?

Sem dúvida alguma. Acho que fui tomado pelo impulso vital das plantas e passei a proliferar vários tipos de inscrições, como acabei de referir — alguns deles repertoriados no catálogo das *Arquigrafias*. As plantas têm uma capacidade incrível de disseminação, seja se ramificando ou se enraizando por onde acham espaço, seja usando veículos para espalhar suas sementes: humanos ou animais que comem suas frutas, insetos ou pássaros que sorvem o néctar de suas flores e espalham o pólen, o vento que leva grãos e pólen, e assim por diante. Mais do que os próprios humanos e os animais, os vegetais atenderam à injunção do *Crescei e multiplicai-vos*. É fascinante ver como basta uma greta no muro, um pouco de água e luz para uma plantinha brotar a ponto de, às vezes, se tornar um arbusto ou árvore! E não há nenhuma dúvida de que, se desaparecemos, elas tomarão conta da Terra, abrigando novas espécies animais, tal como vimos durante a pandemia da Covid 19. A história do planeta está longe de acabar. A história do Homem, esse ser divinizado, sim, talvez.

Como escritor-artista ou *anartista* (Marcel Duchamp), escrevo ou inscrevo muito o tempo todo. Inscrever para mim é como respirar: se não fizer um pouco por dia, *me muero*. Para retomar a primeira pergunta: meu processo é meio caótico. Em geral, agora que estou aposentado, tenho três ou quatro projetos ao mesmo tempo. Às vezes são solicitações a que não posso deixar de atender. Nesse momento mesmo, estou escrevendo um texto-homenagem a um colega e amigo que admiro muito, ao tempo em que concluo um livro autobiográfico e faço minhas pinturas. E ainda tenho que dar entrevista! (risos) A segunda este mês. Sempre com alegria. Embora esses projetos às vezes se emaranhem e me causem algumas dificuldades, sempre dou um jeito de concluir um deles. Tomo uma decisão, como no caso das *Arquigrafias*: precisava reunir numa publicação parte de minha

produção lítero-visual. Fiz um esforço, dialoguei com um de meus editores, Jardel Dias, da cultíssima Galileu, arranjamos uma excelente diagramadora, Luciana Inhan (com tese de doutorado em design e artes visuais na Universidade Nova de Lisboa), juntei os textos críticos e montamos o projeto. Deu um trabalhão, mas ficou lindo, é a opinião geral de quem viu. Apesar do caos produtivo, há um momento em que consigo me organizar e realizar um dos projetos. Tenho certeza de que vou morrer deixando trabalhos inconclusos, e isso só me deixa feliz. Concluir todo os projetos (ou, como chamo, *prójetos*: aquilo que se lança para a frente) é a morte em vida. É bom sempre ter algumas reservas, um resto, que nunca ficará concluído. Quase todos os escritores e artistas deixaram obras inacabadas, algumas muito belas. Tenho um catálogo do Metropolitan de Nova York com essa temática fascinante. Adoraria morrer com um pincel na mão ou com as mãos no teclado. Partir fazendo amor também seria bonito, mas isso apavoraria o amado... Já escrevi a esse respeito em algum lugar: atores que morrem em cena e coisas do tipo. Tem um conto meu antigo, publicado em *Cantos do mundo* (ed. Record), de um cantor que passa mal no palco, mas só morre no hospital: “O último show”. Foi baseado num astro pop real (não adianta perguntar que não revelo quem, cabe aos leitores e leitoras adivinharem — a narrativa dá pistas...).

Em termos biográficos, me defino etnicamente como afro-indígena com traços europeus. *Afroindigenalvo* ou *indigenafralvo* ou *alvindigenafro*. Desse modo, não abro mão de nada geneticamente ou em termos de formação. Se identidade há, é múltipla, de várias origens. Minha *de-formação*, como gosto de dizer. E me interesse muito pelo modo como as pessoas conhecidas ou desconhecidas me veem. O olhar de outros e outras sobre quem sou e o que faço me importa muito. Faz parte de minha *alterbiografia*, como suplemento do texto autobiográfico aludido. Só existo, trabalho, respiro, caminho em função de *outrem* — linda palavra erudita que caiu em desuso e tenho resgatado como sinônimo de *alteridade(s)*.

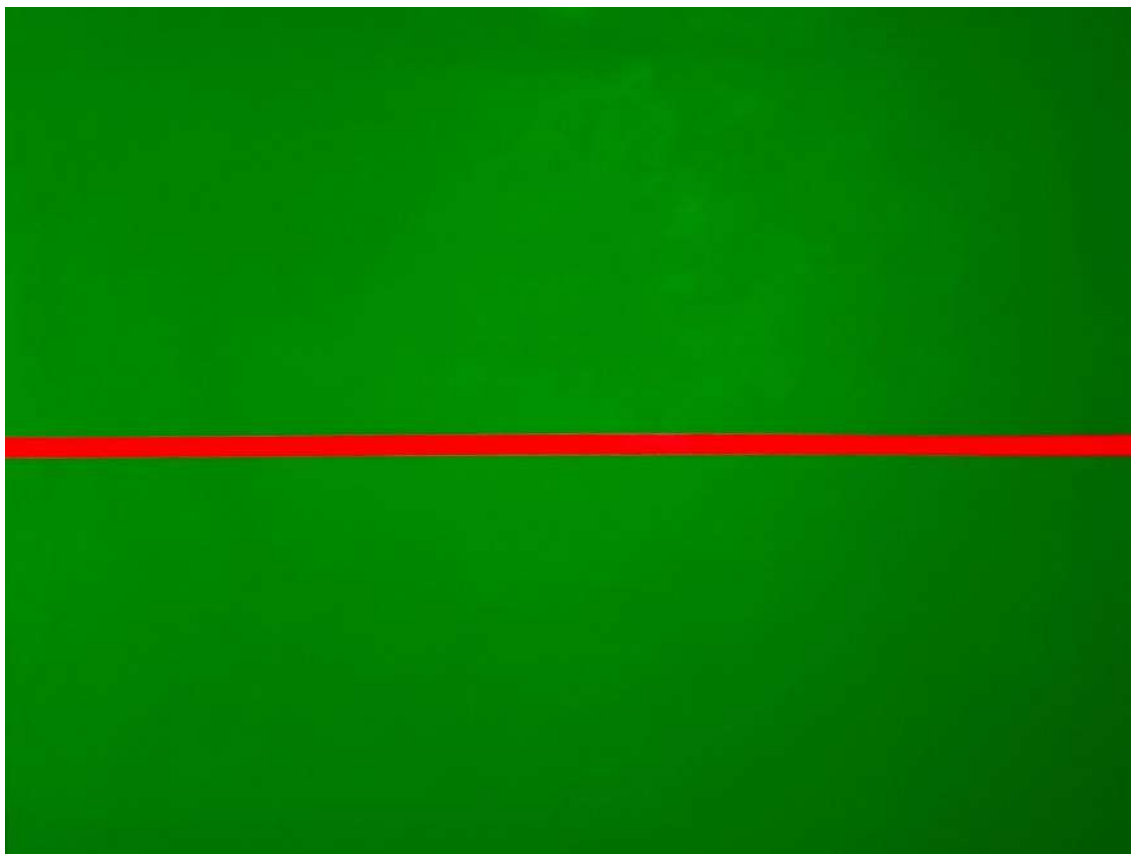


Imagem 3: Evando Nascimento Camacã

A floresta em chamas (Série Horizontais & Obliquas), 2023, acrílica sobre tela, 100 x 130 cm

10. As ideias em torno do “holocausto vegetal” e do “fitocídio” urgem o leitor a pensar nas relações destrutivas do Homem com a natureza, confrontando-se com a sua própria humanidade em destruição. Assistimos em tempo real ao genocídio em curso em Gaza pelas mãos de Israel, com a limpeza étnica do povo palestino — seja pelas armas, seja pela fome. De que maneira a conversa com as plantas pode nos ajudar a confrontar o fracasso da humanidade em Gaza e a nos reconectar com uma solidariedade dos viventes?

Se soubesse a resposta, seria o homem mais feliz do mundo. A lição das plantas é silenciosa, não têm pressa e parecem paradas no tempo. Daí que se criou essa ideia totalmente falsa de que *vegetar* é estar em coma. Elas são vivíssimas e atentas a tudo o que se passa a seu redor. São sobretudo dadivosas: nos oferecem a própria *carne* (metáfora animal) como alimento. Acho que, entre as espécies biológicas, são aquelas que cumprem mais à risca o mandato aludido acima do *Crescei e multiplicai-vos*. É uma lição literalmente de vida, sem moralismo algum. É como se dissessem: não precisamos destruir outras vidas para existir. Nem todas elas agem assim: há espécies invasivas que, por recurso a várias estratégias, conseguem dizimar as espécies nativas. A jaca tem essa capacidade. É uma pena, porque amo essa fruta. Porém, de um modo geral, numa floresta

tropical, há uma grande negociação entre as espécies. A copa das árvores para de se expandir se houver outras árvores vizinhas. Se isso não acontecesse, a floresta seria um emaranhado impenetrável, e com o tempo acabaria sucumbindo à desordem absoluta. Na mata, cada espécie tem uma função. A vida se alimenta da vida para se reproduzir. E os vegetais são uma usina de vida.

Já os humanos muitas vezes se alimentam da morte gratuita supostamente para continuarem existindo... Embora a diplomacia exista para promover as negociações entre os povos e nações, muitos países se tornaram máquinas de guerra, como há décadas os Estados Unidos e Israel, ambos com governos genocidas. Mas a Rússia também, e a Coreia do Norte. Quem imaginaria um genocídio promovido pelo próprio estado judeu? Uma matança a céu aberto, ao contrário do genocídio promovido pelos nazistas, cujo horror absoluto só foi descoberto no final da Segunda Guerra. Agora todos os dias na hora do jantar vemos palestinos esfaimados, recebendo bala em vez de pão. Crianças morrendo de fome. E países ocidentais acham justo: Israel precisa se defender, eis o sórdido argumento... Quando Lula falou em genocídio palestino no ano passado, houve uma gritaria internacional contra. As grandes potências são cúmplices do que acontece na Faixa de Gaza. Finalmente, nesta semana, a França resolveu reconhecer o Estado Palestino, talvez tarde demais. A solidariedade dos viventes e dos existentes, infelizmente, depende de governantes pouco interessados na paz. Porque a guerra produz lucro. É a indústria do necrocapitalismo. Trump quer transformar Gaza num resort à beira-mar, sobre os cadáveres dos palestinos. Quer horror pior do que isso?

O holocausto vegetal continua: com a liberação da exploração ambiental, todos os biomas brasileiros serão ainda mais afetados. Não haverá mais controle oficial — os próprios empresários se autolicenciarão. Se Lula vetar a lei, seu veto será derrubado pelo Congresso. O neoliberalismo associado ao neofascismo está triunfando em toda parte. Só movimentos políticos progressistas poderiam mudar esse quadro, mas o poder capital é maior. Os oligarcas bilionários estão mandando no mundo, com apoio integral das Big Techs, empresas, elas próprias, bilionárias. Não é só em Gaza que nossa humanidade fracassa, é em toda parte onde a violência mortífera se desenrola impunemente. O genocídio indígena segue seu curso, a escravidão continua a existir, os imigrantes são os penetras no banquete dos países ricos e por isso são enviados a prisões e/ou deportados em condições desumanas.

Anthony Trewavas, botânico inglês que tem um lindo estudo sobre inteligência vegetal, diz que a verdadeira inteligência de uma espécie consiste em sua capacidade de se adaptar para sobreviver. Uma espécie que se autodestrói nada tem de inteligente, por mais que

desenvolva recursos tecnológicos ultrassofisticados. Nada tenho contra as tecnologias modernas e pós-modernas em si. Tiro proveito delas como quase todo mundo. Mas tenho muito contra o uso abusivo dos oligarcas das tecnologias e propriedades digitais ou analógicas, o agronegócio, por exemplo. Esses são os verdadeiros responsáveis pelo holocausto vegetal, humano e animal. Ambiental.

Só mesmo atitudes progressistas poderiam frear esse horror, mas as esquerdas têm se mostrado impotentes em face das potências destrutivas. A literatura, as artes e a filosofia existem para nos advertir a esse respeito, e agora as associo aos saberes ancestrais e às “ciências nômade”. Embora possam muito pouco para efetivamente mudar o mundo, sem elas eu não sobreviveria, pois permitem reinventar a vida e, então, respirar um pouco para não pirar de vez.

Meu sonho é virar um Homem-Vegetal no porvir. *Brotei* na densa Mata Atlântica, como típica plantinha tropical, e nada mais justo do que morrer vegetal. O *Autorretrato* (ou *Alter-retrato*, pois foi feito a partir de uma fotografia tirada por outrem) que pintei a óleo sobre tela evoca essa possibilidade, que espero um dia se realize.



Imagem 4: Evando Nascimento Camacã
Alter-Retrato como Homem Vegetal, 2022, acrílica sobre tela, 50 x 50 cm, detalhe

ⁱ **Evando Nascimento** nasceu em Camacã, Bahia. É professor universitário, escritor, artista visual e ensaísta. Bacharel em Letras pela UFBA, mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Nos anos de 1990, foi aluno de Sarah Kofman e de Jacques Derrida, em Paris. Em 2007, realizou um Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Livre de Berlim. Foi Professor na Université Stendhal de Grenoble. É professor aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicou, entre outros livros de ficção, *Cantos do mundo: contos* (ed. Record) e *Diários de Vincent* (ed. Circuito). Tem quatro livros traduzidos no exterior e mais um no prelo, entre eles, o volume de ensaios *O Pensamento vegetal: a literatura e as plantas*, bem como *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (ambos pela ed. Civilização Brasileira). Foi um dos curadores da FLIP 2021, com o tema “Nhe’éry, a Literatura & as Plantas”, na qual dividiu uma mesa-redonda de abertura com o botânico italiano Stefano Mancuso. Dirige a Coleção Contemporânea: Literatura, Filosofia & Artes (ed. Civilização Brasileira). Em novembro de 2022, realizou sua primeira exposição individual na Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel da UERJ: “Linha a linha: Desenhos-Escritos de Evando Nascimento”, com curadoria de Marisa Flórido, crítica e professora do Instituto de Artes da UERJ. **E-mail:** evandobn@uol.com.br

ⁱⁱ **Marisa Flórido Cesar** é professora de História e Teoria da Arte e do PPGARTES do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora e mestre em Artes visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. Pesquisadora, crítica de arte e curadora independente, possui livros e textos sobre artes visuais em livros, revistas acadêmicas, catálogos e periódicos. Entre os livros publicados, estão *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira* [Circuito, 2014] e *Ana Vitória Mussi* [Apicuri, 2013]. **E-mail:** marisaflorido.uerj@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Wallysson Francis Soares** é doutorando em Teoria e História Literária na Unicamp e mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisa autoficção, animalidade e pensamento vegetal na obra de Evando Nascimento, em interseção com a desconstrução de Jacques Derrida e com os pensamentos decoloniais. **E-mail:** wally_soares@hotmail.com